



**Vanessa Campana Vergani de Oliveira
(Organizadora)**

A Evolução do Design Gráfico 2

Atena
Editora
Ano 2019

Vanessa Campana Vergani de Oliveira
(Organizadora)

A Evolução do Design Gráfico 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E93	A evolução do design gráfico 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Vanessa Campana Vergani de Oliveira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Evolução do Design Gráfico; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-572-3 DOI 10.22533/at.ed.723190309 1. Artes gráficas. 2. Desenho (Projetos). 3. Projeto gráfico (Tipografia). I. Oliveira, Vanessa Campana Vergani de. CDD 741.6
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A segunda edição do Ebook “A Evolução do Design Gráfico”, assim como o primeiro volume pretende fortalecer o Design, colaborando para a maior aventura exploratória da humanidade que somente começou: o conhecimento do cérebro como fonte de riquezas inesgotáveis.

Nestes 25 volumes as experiências são das mais distintas, passando pelas mais diversas áreas do design: quadrinhos, embalagens, sustentabilidade, mobiliário litúrgico, mobiliário itinerante e artefatos.

Um dos temas amplamente discutidos, é o ensino do Design, das mais diferentes formas: as vantagens e desvantagens do EAD, as matrizes curriculares, o material didático como forma de empatia, design valorizando os materiais naturais e o redesign.

Assim, o foco desse livro é mostrar a importância e a amplitude da discussão sobre o papel do design. Os textos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico, são um convite à reflexão da importância do design no dia a dia, reúnem importantes pesquisas das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil,

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados.

Boa leitura!

Vanessa Campana Vergani de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA AMBIENTAÇÃO VINTAGE PARA A SUSTENTABILIDADE	
Kátia Maria de Lima Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7231903091	
CAPÍTULO 2	14
A METODOLOGIA ATIVA COMO AUXILIAR NO ENSINO DE DESIGN A DISTÂNCIA	
Larissa Siqueira Camargo	
Sabrina Giselle Levinton	
DOI 10.22533/at.ed.7231903092	
CAPÍTULO 3	23
A RETÓRICA DO DESIGN GRÁFICO EM APRESENTAÇÕES DIGITAIS DE POWERPOINT	
Guaracy Carlos da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.7231903093	
CAPÍTULO 4	35
A UTILIZAÇÃO DE TÉCNICAS DE PESQUISA DO USUÁRIO PARA A DEFINIÇÃO DE PERFIL DE ALUNOS DE DESIGN	
Tainá Cabral Benjamin	
Luna Victoria Pessoa da Silva	
Narle Silva Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7231903094	
CAPÍTULO 5	47
APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO NO CURSO TÉCNICO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Agnacilda Silva Rocha	
Carolina Marielli Barreto	
Milton Koji Nakata	
DOI 10.22533/at.ed.7231903095	
CAPÍTULO 6	58
AS NARRATIVAS DO DESIGN DE S. – O NAVIO DE TESEU	
Christiane C. Almeida	
Vera Lucia dos S. Nojima	
DOI 10.22533/at.ed.7231903096	
CAPÍTULO 7	73
CARRO-BIBLIOTECA: REDESIGN CENTRADO NO USUÁRIO DE BIBLIOTECA PÚBLICA ITINERANTE	
Andréa Franco Pereira	
Letícia Ribeiro de Martino	
Nathalia Carvalho de Lima	
Viviane Pereira Pinto Ferreira	
Gildete Santos Veloso	
DOI 10.22533/at.ed.7231903097	

CAPÍTULO 8	91
COMBINANDO FRAMEWORKS NO DESENVOLVIMENTO DE ARTEFATOS DIGITAIS: UM ESTUDO DE VIABILIDADE	
Guto Kawakami de Oliveira Sylker Teles da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7231903098	
CAPÍTULO 9	103
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE FELIPE: ESTUDOS EM PRODUCT-SERVICE SYSTEMS PARA INCENTIVAR A ECONOMIA LOCAL	
Nadja Maria Mourão Ivy Francielle Higino Martins Rosilene Conceição Maciel Ana Célia Carneiro Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7231903099	
CAPÍTULO 10	116
CONSUMO DE PRODUTOS SUSTENTÁVEIS: PERCEPÇÕES DOS CONSUMIDORES SOBRE A EMBALAGEM NATURA EKOS DE BURITI	
Priscila Westphal Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.72319030910	
CAPÍTULO 11	128
DESIGN COMO AGENTE PROPULSOR DA RELAÇÃO ENTRE CINEMA E SUAS REPRESENTAÇÕES	
Nicolas Tessari Luiza Grazziotin Selau Carla Farias Souza Gislaine Sacchet	
DOI 10.22533/at.ed.72319030911	
CAPÍTULO 12	144
DESIGN DE EXPERIÊNCIA AMBIENTAL HOSPITALAR – FOCO NO ATENDIMENTO À CRIANÇA	
Aline Garcia Pereira Laís Machado Lizandra Garcia Lupi Vergara	
DOI 10.22533/at.ed.72319030912	
CAPÍTULO 13	159
DESIGN E COMPLEXIDADE: APLICAÇÃO DE UM JOGO COLABORATIVO A FIM DE IDEAR SOLUÇÕES PARA OS PROBLEMAS DA MINERAÇÃO	
Thalita Barbalho Ana Carolina Lacerda Letícia Guimarães Rita de Castro Engler	
DOI 10.22533/at.ed.72319030913	

CAPÍTULO 14	174
DESIGN E SIMBOLOGIA NO PROJETO DE MOBILIÁRIO LITÚRGICO	
Marcelo dos Santos Forcato Anelise Guadagnin Dalberto Bruno Montanari Razza Paula da Cruz Landim	
DOI 10.22533/at.ed.72319030914	
CAPÍTULO 15	192
DESIGN EM TRANSFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO E DA PRÁTICA	
Rafael Kochhann Sílvia Trein Heimfarth Dapper	
DOI 10.22533/at.ed.72319030915	
CAPÍTULO 16	207
EPISTEMOLOGIA DO DESIGN AFIRMATIVO	
Sandro Lopes dos Santos Vera Lúcia Moreira dos Santos Nojima	
DOI 10.22533/at.ed.72319030916	
CAPÍTULO 17	218
EXPERIÊNCIA MULTISSENSORIAL EM MUSEUS: DESENVOLVIMENTO DE RECURSOS TÁTEIS E SONOROS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Eduardo Cardoso Tânia Luisa Koltermann da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.72319030917	
CAPÍTULO 18	232
FORMA E INFORMAÇÃO: UM OLHAR DE DESIGN SOBRE OS ARTEFATOS INFORMACIONAIS DO SISTEMA DE ÔNIBUS DA CIDADE DE SÃO PAULO	
Bruno Rodilha	
DOI 10.22533/at.ed.72319030918	
CAPÍTULO 19	249
LIVROS DIDÁTICOS E A IMPORTÂNCIA NO DISCURSO SOCIAL	
Gabriela Rangel Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.72319030919	
CAPÍTULO 20	260
MATERIAL DIDÁTICO SOCIOEMOCIONAL PARA O ENSINO DAS CINCO EMOÇÕES BÁSICAS E DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA	
Jéssica Souza De Almeida Maria do Carmo Gonçalves Curtis	
DOI 10.22533/at.ed.72319030920	
CAPÍTULO 21	275
MOBILE LEARNING – VILÃ OU ALIADA DOS ESTUDANTES? UM ESTUDOS DOS ASPECTOS METODOLÓGICOS DE USABILIDADE DE INTERFACES EM DISPOSITIVOS MÓVEIS	
Karolina Nunes Tolentino Costa Flávio Anthero Nunes Vianna dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.72319030921	

CAPÍTULO 22	287
PEDRA SÃO THOMÉ: VALORIZAÇÃO REGIONAL POR MEIO DA REVITALIZAÇÃO DA PAISAGEM E DA IDENTIDADE CULTURAL	
Laura de Souza Cota Carvalho Silva Pinto Andréa Franco Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.72319030922	
CAPÍTULO 23	306
PESQUISA-AÇÃO COMO RESPOSTA METODOLÓGICA AOS DESAFIOS DE DESIGN SOCIAL	
Maiara Gizeli Dallazen Camillo Irina Lopes Guedes Felipe Petik Pasqualotto Richard Perassi Luiz de Souza Giselle Schmidt Alves Díaz Merino	
DOI 10.22533/at.ed.72319030923	
CAPÍTULO 24	318
O PANORAMA DO DESIGN SUSTENTÁVEL NAS MATRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE DESIGN DA GRANDE VITÓRIA/ES E GRANDE BELO HORIZONTE/MG	
Michele Silva da Mata Caetano Aline Freitas da Silva Xavier Marcelina das Graças de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.72319030924	
CAPÍTULO 25	329
QUADRINHOS COMO MÉTODO DE DIVULGAÇÃO DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ERC E F CENTRO SOCIAL AUXILIUM	
Marcele Pamplona Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.72319030925	
SOBRE A ORGANIZADORA	341
ÍNDICE REMISSIVO	342

A METODOLOGIA ATIVA COMO AUXILIAR NO ENSINO DE DESIGN A DISTÂNCIA

Larissa Siqueira Camargo
Sabrina Giselle Levinton

THE TEACHING OF DISTANCE DESIGN

RESUMO: A educação a distância é uma realidade atual que surgiu com um objetivo inicial e acabou por atender outras demandas, inclusive a do novo perfil de estudantes, da atual geração que já não encontrava na educação tradicional um estímulo para a busca do conhecimento. Paralelo a isso, e também no mesmo contexto, surgem as metodologias ativas aplicadas ao processo ensino- aprendizagem. E nessa realidade passam a se inserir os cursos superiores de tecnologia em design. Desse modo, o objetivo do presente relato é de apresentar uma experiência de atividade aplicada a um curso superior de tecnologia em design de interiores, na modalidade a distância, utilizando- se da ferramenta de metodologia ativa Aprendizagem Baseada em Problemas – ABP. Assim, a experiência indicou que o uso das metodologias ativas pode ser um grande auxiliar na busca de qualidade da prática de ensino de design EAD.

PALAVRAS-CHAVE: aprendizagem baseada em problemas; cst em design de interiores; educação a distância.

ABSTRACT: Distance education is a current reality that emerged with an initial objective and eventually met other demands, including that of the new student profile, of the current generation that no longer found in traditional education a stimulus for the search of knowledge. Parallel to this, and also in the same context, are the active methodologies applied to the teaching-learning process. And in this reality they begin to insert the superior courses of technology in design. Thus, the objective of the present report is to present an experience of applied activity to a superior course of technology in interior design, in the distance modality, using the tool of active methodology Problem-Based Learning - ABP. Thus, the experience indicated that the use of the active methodologies can be a great aid in the search for quality of the teaching practice of EAD design.

KEYWORDS: problem-based learning; cst in interior design; distance learning.

1 | O ENSINO DE DESIGN, OS CURSOS SUPERIORES DE TECNOLOGIA E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Assim como na Bauhaus, o ensino de design no Brasil originou-se a partir do que profissionais da área de arquitetura e das artes

THE ACTIVE METHODOLOGY AS AN AID IN

plásticas buscaram uma identidade as suas produções, visando a industrialização e assim, o acesso as suas peças, sendo que esses primórdios basearam-se na produção contemporânea, tendo como inspiração, em especial, o Funcionalismo (LANDIM, 2010).

Ainda assim, segundo Landim (2010), na década de 1960 os cursos de design apareciam de forma tímida e poucos expressivos, já que os egressos desses cursos encontravam ainda dificuldades de serem aceitos no mercado nacional, que estava em fase de consumo americanizado e de nomes internacionais. Foi na década de 1970 que o governo passou por um processo de investimento tecnológico, em contrapartida a diminuição de investimento nas áreas artísticas, o que impactou diretamente nos cursos de formação em artes visuais e plásticas, forçando-os a mudarem para cursos de design de forma imediata.

Para entendermos melhor o crescimento dos cursos de design no Brasil, podemos comparar os números atuais com os encontrados em 2016 (um ano atrás), onde estavam cadastrados 687 cursos de graduação em design, considerando os 870 atuais, tivemos um aumento de mais cerca de 15%. Destes, em 2016, 7 eram ofertados na modalidade à distância, e assim, em um ano esse número mais do que dobrou, alcançando os 16 cursos (e-mec).

Paralelo ao movimento crescente dos cursos de design, surgem no Brasil os cursos superiores de tecnologia (CST), com o parecer 1.060 de 1973, do Conselho Federal de Educação (CFE), e assim, muitos cursos superiores de design passam a ter a formação tecnológica, e para compreender essa movimentação, precisamos compreender o que são os cursos tecnológicos.

A cada nova reformulação da LDB, os cursos tecnológicos foram ganhando forma e força, mas foi somente na década de 1990 que passaram a ser ofertados de forma mais ampla (TAKAHASHI, 2010). A difusão dessa formação se deu através de cursos na área de computação, sendo que a oferta começou a se diversificar a partir de 1988, quando foi autorizado o primeiro CST em Hotelaria. E assim, segundo Takahashi (2010), com o crescimento e diversificação, em 1994 a Lei no 8.948 instituiu Sistema Nacional de Educação Tecnológica, mas, foi em 1996, através da LDB no 9.394/96, e com o Decreto Federal no 2.208/97 que os CST ganharam forma e uma nova dimensão no país.

Com isso, novos pareceres surgiram a fim de organizar a modalidade, e o parecer CNE/CES no 436/2001, aprovado pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, definiu cursos superiores de tecnologia como:

Cursos de graduação com características especiais, bem distintos dos tradicionais e cujo acesso se fará por processo seletivo, a juízo das instituições que os ministrem. Obedecerão a diretrizes curriculares nacionais a serem aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2001).

Sendo as características especiais e distintas o foco, já que a formação tecnológica estabelece um campo de trabalho e atuação bem definidos, a rapidez,

sendo que os cursos dessa modalidade funcionam com uma carga horária reduzida, durando entre dois ou três anos, a inserção no mercado de trabalho, considerando que a oferta desses cursos deve atender a demandas específicas, pontuais e locais, e a metodologia, que deve abranger técnicas, ferramentas e estratégias práticas, voltadas no aprender na prática (TAKAHASHI, 2010).

Esse perfil de atender uma demanda de mão de obra prática de mercado aparece em diferentes pontos das resoluções relacionadas, como na Resolução do Parecer no 29/2002, no art. 6º, que define:

O do Projeto de Resolução a organização curricular dos cursos superiores de tecnologia deverá contemplar o desenvolvimento de competências profissionais e será formulada em consonância com o perfil profissional de conclusão do curso, o qual define a identidade do mesmo e caracteriza o compromisso ético da instituição com os seus alunos e a sociedade.

No §1º encontramos: “a organização curricular compreenderá as competências profissionais tecnológicas, gerais e específicas, incluindo os fundamentos científicos e humanísticos necessários ao desempenho profissional do graduado em tecnologia”, e no Parecer no 29/2002,

o objetivo é o de capacitar o estudante para o desenvolvimento de competências profissionais que se traduzam na aplicação, no desenvolvimento (pesquisa aplicada e inovação tecnológica) e na difusão de tecnologias, na gestão de processos de produção de bens e serviços e na criação de condições para articular, mobilizar e colocar em ação conhecimentos, habilidades, valores e atitudes para responder, de forma original e criativa, com eficiência e eficácia, aos desafios e requerimentos do mundo do trabalho

Assim, para Takahashi (2010), os currículos dos CSTs devem ser flexíveis, sendo uma das maneiras de flexibilizar a modularização, organizada de forma sistêmica, o que permite a entrada e saída de aluno em diferentes momentos, e ainda, a possibilidade de certificações parciais; interdisciplinaridade, a fim de evitar a segmentação de conteúdos, considerando a formação direcionada, essencial prevenirem a falta de foco e direcionamento; contextualização, através do relacionamento do conteúdo com a prática “privilegiando metodologias que integrem a vivência e a prática profissional” (TAKAHASHI, 2010); e atualização permanente, considerando que os CSTs devem atender a uma demanda imediata do mercado, precisa estar atualizado as peculiaridades locais e temporais.

O parecer 29/2002 ainda apresenta a necessidade da realização de atividades paralelas ao curso, já no mercado, avaliando competências desenvolvidas na prática, relacionadas à formação, levando assim ao aluno, durante o curto período de tempo do curso, a já experienciar o mercado onde deverá ser inserido após a formação (TAKAHASHI, 2010).

Buscando estabelecer alguns padrões mínimos a serem atendidos pelas IES na oferta de CST, o MEC criou o catálogo de cursos tecnológicos, que apresenta uma apresentação geral do curso, explicando possíveis atuações do profissional formado no curso, carga horária mínima e infraestrutura recomendada. O catálogo

apresenta uma descrição sucinta sobre o profissional que o curso deve formar, carga horária mínima e estrutura recomendada. Em 2014 o catálogo passou por uma reestruturação, onde uma consulta aberta pública foi disponibilizada para que alunos, professores, especialistas, pesquisadores, instituições de ensino superior, entidades de representação profissional, dentre outros, pudessem fazer sugestões quanto a novas diretrizes. O resultado ainda não foi publicado, assim, o último catálogo disponível data de 2010.

Desta maneira, compreendemos a relação da formação em design com os princípios da graduação tecnológica, já que o perfil da prática atende às demandas em comum. Além disso, quando a formação em design passou a ser mais direcionada, com habilitações específicas, como interiores, produto, gráfico, moda, etc., o grau de tecnólogo passe a atender plenamente a esse caráter.

Dentro das mudanças e evolução da educação nacional, a educação a distância (EAD) surgiu para oferecer a possibilidade de formação superior aos que, até então, não tinham acesso a modalidade de ensino presencial, em especial pela não existência de instituições em sua localidade ou proximidade. Desde a publicação da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as novas Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), incluindo a regulamentação da modalidade EAD, cresce a cada dia o número de instituições que oferecem diferentes cursos ofertados a distância (TAKAHASHI, 2010).

Em 21 de junho de 2017, foi publicado o Decreto Nº 9.057/2017, que Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que diz respeito justamente ao ensino EAD. De forma geral, o decreto oferece maior autonomia às IES na oferta da modalidade, visando o aumento da oferta de vagas, através da abertura de mais polos de apoio presencial pelas IES já existentes e a abertura de novos cursos, por IES que ainda não atuam com a EAD (BRASIL, 2017).

Com o crescente número de IES atuando no mercado, foi preciso também inovar na variedade dos cursos oferecidos na modalidade, e assim, cursos até então que apresentavam características de formação tão práticas, que a princípio não apontavam para o EAD, foram repensados e incluídos nesse projeto, trazendo um novo perfil não só de cursos, mas de metodologias e de alunos. Entre as inovações do EAD estão os cursos de design, que passaram a ser ofertados também à distância, em seus diferentes segmentos (BORGES & JESUS, 2014).

2 | O ENSINO DO DESIGN EAD E AS METODOLOGIAS ATIVAS

O modelo tradicional linear de ensino precisou ganhar novas formas com a consolidação do EAD no Brasil, já que a modalidade exige um novo papel do professor, da avaliação e do próprio ensino-aprendizagem. Ao profissional de educação cabe promover o rompimento com os paradigmas tradicionais de aprendizado.

No contexto do ensino de design, surge então, a necessidade (ou até, obrigatoriedade) de se desenvolverem técnicas, ferramentas e metodologias que proporcionem não somente a autonomia do aluno, mas que, viabilizem a realização de atividades de características mais práticas, tão comuns e importantes na formação de designers. No ensino presencial, as aulas em ateliês e a dinâmica de supervisão docente, aula a aula, parecem, e realmente não é, possível de replicação no EAD.

E desta maneira, os cursos com proposta de formação em EAD para design, precisam desenvolver formatos que viabilizem esse processo de aprendizagem. Surgem aí propostas e projetos para esse atendimento, baseadas em experiência já testadas da educação a distância em outros cursos, normalmente, de gestão e de licenciaturas, esses, já bastante comuns e espalhados por todo o país.

Além disso, novas ferramentas aplicadas a educação são repensadas no contexto da EAD, viabilizando, ou, ao menos, aprimorando as possibilidades da modalidade no ensino de cursos de design. Entre estas, destacamos as metodologias ativas, que visam justamente a promoção de autonomia aos alunos, tornando-se assim um importante processo no engajamento do discente dessa modalidade de ensino, considerando, especialmente, a necessidade de autogestão que o aluno tem dentro do EAD precisa, o que torna a promoção de autonomia essencial ao indivíduo que busca aprendizado.

Entendemos aqui que “[...] autonomia significa a faculdade de se governar por si mesmo; o direito ou faculdade de se reger por leis próprias; liberdade ou independência moral ou intelectual” (NERBEL, 2011, pg. 26) e, desta forma, podemos compreender a importância do desenvolvimento de autonomia no discente como fator primordial para implantação de novos modelos de aprendizagem. E neste contexto, ao utilizar as metodologias ativas o professor exerce o papel de mediador, sendo aquele que contribuirá no sentido de facilitar a implementação e prática de metodologias que possibilitam ao aluno sua autonomia e uma nova forma de aprender (BERBEL, 2011), e isso, somente fortalece a prática como bastante aplicável ao EAD, indo ao encontro com características básicas da modalidade.

Dentro das metodologias ativas de ensino destaca-se a Aprendizagem Baseada em Problemas – ABP, que segundo Borochovcicius e Tortella (2014, p. 268), “tem como premissa básica o uso de problemas da vida real para estimular o desenvolvimento conceitual, procedimental e atitudinal do discente”. Ainda para os autores, a ABD motiva e impulsiona os envolvidos a conhecerem melhor o seu próprio mundo, para então, utilizar essas experiências na busca de solução aos problemas apresentados.

No EAD o educador oferece propostas de problemas aos alunos e através do material didático disponibilizado, de aulas expositivas e de materiais extras, tais como textos de blogs especializados e vídeos, e os alunos buscarão formas para solucionar o problema em questão. Através dessas metodologias ativas o aluno tem a sua disposição recursos que o auxiliarão na tarefa de aprender a aprender. Considerando o ensino do design, a metodologia é tão viável e aplicada, na verdade, até além disso, podemos compreender a metodologia como uma das maneiras a viabilizar o ensino

de design na metodologia EAD, inclusive, aplicada ao desenvolvimento de atividades mais práticas, necessária para a formação de designers.

3 | EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Para ilustrar a experiência do uso da metodologia ativa, mais especificamente, da ABP, no ensino de design utilizaremos uma atividade proposta para o curso superior de tecnologia em design de interiores, modalidade EAD, durante a disciplina de Metodologia de projeto em design. Importante ressaltar que a estrutura aplicada na instituição de ensino em questão, é baseada no sistema modular, e que em se tratando da 1ª disciplina do 3º módulo do 1º ano do curso, trata-se de uma disciplina que somente alunos do 1º ano cursam, salvo dependentes, podendo, inclusive, ser a 1ª disciplina cursada por um aluno ingressante.

Essas características fortalecem ainda mais o princípio da importância e até, necessidade, do uso de metodologias alternativas aplicadas ao caso, considerando o perfil variante de alunos, que podem até mesmo, não ter tido contato nenhum com outro conteúdo do curso, e, mesmo assim, para o entendimento e formação da disciplina, importante o desenvolvimento da prática. Vale ressaltar que, dentro da metodologia do curso ainda estão previstas atividades de cunho teórico, incluindo prova com questões objetivas e dissertativas.

Desta maneira, como proposta para a atividade de características práticas, o aluno, primeiramente, recebeu um texto que apresentava o conceito de família monoparental, que o contextualizou com as solicitações inseridas na sequência, que indicaram que ele deveria desenvolver as etapas de um pré-projeto de uma sala para uma família de perfil monoparental. Para tal, deveriam buscar uma família com essas características, para que o briefing fosse elaborado a partir de situações e problemas reais. Os alunos receberam uma lista de etapas que deveriam ser cumpridas, incluindo ferramentas do processo aprendidas durante as aulas da disciplina.

Assim, os alunos receberam os seguintes comandos sobre o que deveriam produzir e entregar: 1ª Etapa: Coletar informações relevantes do seu cliente (Briefing). Qual o problema e os objetivos da criação deste ambiente? A que público se destina? Quem é seu cliente? História, gostos, desejos, necessidades, dificuldades etc. 2ª Etapa: Elaborar um Brainstorming (Tempestade de Ideias). “Hora de viajar!” Expressa no papel tudo o que lhe vier à mente, com relação à solução para o espaço a ser projetado, com símbolos, figuras, palavras e quaisquer desenhos que façam você pensar melhor sobre a solução depois. 3ª Etapa: Construir um Painel Semântico (físico, manual ou digital). Com referência ao briefing inicial, transmita sentidos e emoções por meio de imagens. 4ª Etapa: Criar o conceito principal para o possível desenvolvimento de projeto de interiores – SALA. Qual foi a linha de raciocínio ao criar esse ambiente e qual o conceito que quer transmitir ao cliente. 5ª Etapa: Escrever

um Memorial Justificativo. Relacione suas escolhas e justifique-as, embasadas nas etapas anteriores (Briefing, Brainstorming, Paineis Semânticos e conceito de projeto).

Importante frisar que os alunos foram contextualizados com o tema “monoparental” através de leituras antes de receberem os comandos. Ao final, ainda estavam disponíveis as seguintes informações: Lembrando que este projeto não será desenvolvido, mas sim o princípio da criação deste; Os painéis poderão ser feitos com recortes, colagem, desenho e fotografias (de forma manual ou utilizando qualquer software). Na sequência, apresentaremos um dos trabalhos entregues.

Objetivo do Projeto: Sala para uma família de perfil monoparental *Briefing*

Cliente: Heusa
 • 44 anos.
 • Viúva
 • Contadora
 • 1 Filho (Fernando, 17 anos)

Local:
 R. Max Wolf Filho, 176 - Jardim Santa Mena - Guarulhos - SP

• Possui algum hobby?
 R.: Jardinagem, Leitura.

• Possui animal de estimação?
 R.: Não

• Gosta de algum esporte?
 R.: Não

• Gosta de Música?
 R.: MPB

• Quais cores lhe agradam?
 R.: Azul, tons suaves



Objetivo do Projeto: Sala para uma família de perfil monoparental *Briefing*

Cliente: Heusa
 • 44 anos.
 • Viúva
 • Contadora
 • 1 Filho (Fernando, 17 anos)

Local:
 R. Max Wolf Filho, 176 - Jardim Santa Mena - Guarulhos - SP

• Você bebe/fuma?
 R.: Não

• Possui alguma criança religiosa?
 R.: Sim, catolicismo.

• O que te anima em casa?
 R.: Cozinhar; Companhia do filho; ler; Cuidar dos animais e das plantas.

• Recebem visitas? Com que frequência?
 R.: Familiares, alguns finais de semana.



Objetivo do Projeto: Sala para uma família de perfil monoparental *Briefing*

• O que é essencial ter em uma sala?
 R.: TV; Sofá espaçoso; Ser bem arejada e iluminada

• O que você não gosta ou não precisa ter em uma sala?
 R.: Exageros tecnológicos, visual extravagante

• Quantas horas por dia costuma estar na Sala?
 R.: Aproximadamente 5 horas

• Quais elementos te agradam:

(X) Madeira	() Vidro	() Luminárias	(X) Rústico
() Metálicos	() Acrílico	(X) Tapetes	() Urbano
(X) Texturas	(X) Vasos	(X) Quadros	




Painel Semântico




Conceito do Projeto - Sala

Leve e Funcional

Sala com estilo campestre: Um ambiente acolhedor e que faz bom uso da luz do dia.



Memorial Justificativo

Para o desenvolvimento do projeto de interiores, identificamos a necessidade de otimizar a sensação de tranquilidade no ambiente, acolhendo após um dia cansativo e com um bom espaço para receber visitas.

Será usado como base os tons de azul e verde, uma combinação de cores tropicais com outros elementos de cores neutras ou que remetam à natureza, como flores e objetos de madeira, criando uma perfeita sintonia entre a sala e o jardim, assim como os hobbies da cliente.

O painel de TV com estante e porta-quadros é uma boa opção para agrupar toda a interatividade do ambiente, e juntamente com o piso de madeira reforçam a ideia rústica do projeto, em tons opostos aos demais elementos, criando um destaque natural sem extravagância, conforme solicitado.

O sofá de canto, o tapete e as cortinas longas aumentam a sensação de espaço, objetivo primordial do projeto.



Figura 1 - Resultado de um trabalho entregue

Fonte: As autoras

O exemplo apresentado ilustra a maior parte dos trabalhos entregues. Cerca de 80% dos alunos que entregaram o trabalho apresentaram todos os itens atendidos. Nem todos estes apresentavam o item atendido completamente, contemplando todos os quesitos, mas em geral, observa-se que ocorreu a compreensão da proposta. Percebeu-se que com a apresentação da situação problema, considerando a prática do ABP, o aluno, em geral, foi capaz de solucionar o caso, mesmo sem uma orientação de forma presencial, a partir dos comandos, aproveitando-se dos problemas reais, que fazem parte do cotidiano do aluno.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação na modalidade a distância é uma realidade que visa o atendimento de diversas demandas atuais, inclusive a do próprio perfil da geração de novos estudantes universitários, pertencentes a geração Y. Neste contexto, encontramos os desafios do ensino-aprendizagem, no contexto das práticas ainda enraizadas nas didáticas tradicionalistas. Romper com os hábitos do ensino, exige que novas ferramentas sejam empregadas.

Pensando no ensino do design, se faz necessária uma disruptura ainda maior, mesmo quando imaginamos que o perfil do ensino-aprendizagem nestes cursos não seguem um modelo tão delimitado como outros cursos, para a aplicação no EAD, o “salto” parece ainda maior, caracterizando para alguns, inclusive, que essa é uma prática que dificilmente ofertará qualidade. As metodologias ativas vão ao encontro dessa atualidade, disponibilizando uma nova conjuntura, em paralelo a disruptura das antigas práticas. O método ABP pode e deve ser utilizado como auxiliar no ensino do design na EAD, se tornando uma grande ferramenta no contexto.

REFERÊNCIAS

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Semina:

Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan jun 2011. ISSN 1679-0383.

BORGES, E. M.; JESUS, D. P.. A EAD no contexto educacional: propostas para avaliação. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, v. 13, p. 193-209, 2014.

BOROCHOVICIUS, E.; TORTELLA, J. C. B. Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 22, n. 83, p. 263-294, 2014. ISSN 1809-4465.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados. 2017. Disponível em: <<http://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em 05 de set. de 2017.

_____. Ministério da Educação. Parecer n. 436, 2001

LANDIM, P. C. Design, empresa, sociedade [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

TAKAHASHI, A. R. W. Cursos superiores de tecnologia em gestão: reflexões e implicações da expansão de uma (nova) modalidade de ensino superior em administração no Brasil. RAP - Revista de Administração Pública, v.44. n.2, p. 385-414, mar/abr. 2010.

SOBRE A ORGANIZADORA

VANESSA CAMPANA VERGANI DE OLIVEIRA Bacharel Desenho Industrial, habilitação em Projeto de Produto, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo- SP. Especialista em Design de Interiores, pela Universidade Positivo. Das diferentes atividades desenvolvidas destaca-se a atuação como professora de ensino superior atuando em várias áreas de graduações; avaliadora de artigos e projetos; revisora de revistas científicas; membro de bancas examinadoras de trabalhos de conclusão de cursos de graduação. Atua na área de Design de Mobiliário, Arquitetura com ênfase em projetos de Interiores residenciais e comerciais. Foi Diretora do Departamento de Patrimônio, da Secretaria de Cultura e Turismo, da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, PR de 2011 a 2013. Atualmente é docente da Unicesumar, nos cursos de Arquitetura e Urbanismo e Engenharia de Produção e sócia do escritório Forma Arquitetura e Design.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 228

Ambientação 1, 10

C

Cinema 128, 129, 138, 140, 142, 143

Consumo sustentável 9, 12

Cultura 22, 33, 34, 73, 127, 172, 218, 219, 227, 228, 247, 249, 251, 301, 317, 322, 323, 337, 339

D

Design de interior 1

Design thinking 266

Diretrizes 17, 36, 37, 46, 226

E

Emoções 268, 269

Empatia 43, 44, 107, 263, 272

Experiência do usuário 145, 147

H

História do design 191

I

Informação 23, 24, 25, 28, 33, 34, 82, 92, 97, 142, 161, 215, 284

Inovação social 191

L

Lendas brasileiras 327

M

Metodologia 19, 73, 90, 94, 155, 156, 165, 195, 228, 256, 266, 304, 314, 315, 318, 338

Mineração 302

Museu 216, 218, 221, 222, 223

P

Powerpoint 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

R

Racismo 208, 214, 215

Retórica 23, 24, 26, 31, 33

S

Scrum 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Significados simbólicos 85

Streaming 128, 129

Sustentabilidade 1, 7, 8, 9, 122, 196, 303, 318, 321, 322, 325

U

Usuário 73, 144

V

Vintage 1, 3, 8, 10, 13

W

Web-design 128, 129

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-572-3

